

*
* *

SANZ (Carlos). — *Ciento noventa mapas antiguos del mundo de los siglos I al XVIII, que forman parte del proceso cartográfico universal*. Madrid. Real Sociedad Geográfica. 1970. In 4.^o. 355 pp. Preço: 250 pesetas.

Pode dizer-se, sem sombra de dúvida, que esta obra é única no seu gênero e estamos convencidos que será acolhida em todo o mundo como um instrumento básico para o conhecimento da História de um ponto de vista absolutamente inédito e de maior autenticidade.

Existem, é claro, outras compilações, inclusive com o portentoso título de *Monumenta Cartografica*, porém são coleções que, na sua maioria, compõem-se de mapas regionais e, que por isso mesmo, têm um caráter principalmente local. Nenhuma obra nesta linha contém um tão grande número de mapas do Mundo, reproduzidos em série cronológica, descritos e comentados cada um segundo a importância que tiveram no desenvolvimento da cartografia universal. Trata-se, pois, de um *Corpus* inexistente até hoje.

O que se pretendeu foi dar a conhecer as numerosas imagens da superfície terráqua como foram vistas através do tempo, e que de modo indubitável nos mostram os momentos vitais de cada povo, e especialmente o de sua incorporação ao processo da História.

Os mapas antigos, considerados como elementos de informação visual retrospectiva, ocasionalmente talvez sejam os únicos dentre monumentos arqueológicos que a Antigüidade nos legou, testemunhos fidedignos que nos permitem contemplar o desenvolvimento geral dos descobrimentos transoceânicos, que não se produziram de forma gradual como acreditaram os evolucionistas, mas sim que apareceram de modo inesperado, e nos referimos principalmente à América, que por si só constitui a grande revolução geográfica que abriu a possibilidade dos demais descobrimentos.

O mapa tem, além disso, a vantagem de ser universalmente inteligível, por estar isento dessa fronteira quase intransponível que são as diferentes línguas, em que necessariamente não de manifestar-se a relação histórica. O mapa é, por isso, o instrumento ecumênico por excelência. Todos os homens, ante a presença de um Mapa do Mundo, se reconhecem imediatamente, pelo imperativo da relação geográfica, como fruto de uma mesma árvore, cuja existência e destino dependem do denominador comum, que exige continuidade incessante na trilha da perfeição e um avanço sem fim para as metas da plenitude cósmica e espiritual.

Algo muito digno de assinalar-se é que o conjunto cartográfico *real* que conhecemos coincide com a existência do Cristianismo na Terra. Essa série de mapas começa com o de Ptolomeu, do II século da nossa era.

Na verdade, a cartografia anterior à primeira viagem transatlântica das *três caravelas* é somente precursora da cartografia mundial, e por isso costumamos chamar hemisféricos ou de meio mundo, aos mapas produzidos antes do ano de 1492.

A verdadeira etapa universal da cartografia tem início com a primeira noção experimental da forma esférica da Terra, que foi o resultado das viagens transoceânicas, a frente das quais figura a travessia atlântica, que teve por consequência imediata não somente o descobrimento da América, como o ensina a História, como também o *descobrimento do mundo*, como o mostram os mapas daquela época, e especialmente o mural de Waldseemüller, do ano de 1507, que é básico para o conhecimento do processo cartográfico moderno. Esta segunda etapa da cartografia tem que ser qualificada como expoente da gesta universal dos povos ibéricos, que realizaram a *unidade geográfica do mundo*, e com ela a reunificação do gênero humano, fundamento do processo de integração em que todos nós nos achamos imersos.

Em resumo, o ensino que pode derivar-se deste *Corpus* da cartografia mundial não pode ser medido, bastará recordar que na configuração de um mapa universal se representa a soma de valores existentes ou simplesmente supostos, em que algum modo o homem intervém. Os panteístas sempre identificaram a idéia ou o ser de Deus com a existência do Mundo.

Pelo caráter técnico dessas obras, sua aparição não costuma chegar ao conhecimento do público, nem sequer dos mais interessados nessa espécie de estudos, e menos ainda se levamos em conta que a Real Sociedade Geográfica publicou uma edição limitada a mil exemplares, que foram postos a venda pelo preço de 250 pesetas (US\$ 4,00). Preço, notoriamente baixo, se levamos em conta o alto nível científico desse livro e as 190 reproduções de mapas antigos do mundo que contém verdadeiro arquivo de documentos cartográficos raríssimos, e muitos únicos, dispostos para ilustrar a ação dos diversos povos que intervieram nos descobrimentos geográficos, donde podemos concluir que trata-se de obra extremamente útil aos investigadores, empresas jornalísticas, e em geral para todos aqueles que se dedicam à publicação e ao ensino.

M. R. C. R.

* *
*

LATOUCHE (Robert). — *Les origines de l'économie occidentale (IVe-XIe siècle)*.
Coleção "L'Évolution de l'Humanité". Éditions Albin Michel. Paris. 1970.
416 pp., 4 mapas. Preço: 9,50 F.

A obra de Robert Latouche, decano honorário da Faculdade de Letras de Grenoble, abre horizontes muito vastos, porque a economia, durante esse longo período, revestiu-se de uma importância toda particular: assiste-se, de fato, ao nascimento da Europa, da civilização ocidental pela colocação das suas bases econômicas. Sentimo-nos atraídos pela agradável leitura dessa obra, alerta e viva, sempre próxima do concreto. A partir do declínio da economia antiga, ela mostra sucessivamente a economia merovíngia "à deriva", sem rumo, com as invasões germânicas e o declínio da vida urbana; a economia carolíngia, que traz a marca do grande imperador e onde aparece uma primeira síntese entre as tradições ro-